

**USOS DO ESPAÇO E A UTILIZAÇÃO DO SISTEMA DE FICHAS NA CLASSE
SECUNDÁRIA EXPERIMENTAL
DO COLÉGIO SANTA CRUZ (1959 – 1962)**

Stefanie Schreiber¹

Resumo: Classes experimentais é o nome dado a turmas de colégios públicos, privados e confessionais, as quais aderiram ao movimento de renovação que eclodiu no ano de 1958, através de um documento publicado na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, que regulamentava e autorizava o ensaio de novos modelos e práticas de ensino, aprendizagem e avaliação. A trajetória histórica desse acontecimento será abordada nesse trabalho, evidenciemos, no momento, alguns dados de 1959, o primeiro ano de experiência. Acontecendo em cursos ginásiais e colegiais de instituições que demonstrassem estabilidade financeira e notória qualidade de ensino, as classes experimentais foram documentadas em um total de 25 instituições, que deram início a 31 classes, matriculando um total de 828 estudantes e capacitando um corpo docente total de 181 profissionais. O estado de São Paulo foi um dos principais polos de pesquisas e com maior concentração de escolas que aderiram ao experimentalismo, condição fornecida, principalmente, pelas pesquisas incentivadas pelo Centro Regional de Pesquisa Educacional (CRPE) do Estado. Esta comunicação concentra-se a uma reflexão sobre as mudanças na forma de organização espacial e do sistema de fichas na classe experimental secundária do Colégio Santa Cruz (CSC) de São Paulo (SP), notório pelo seu pioneirismo na rede de instituições confessionais documentadas. O trabalho explorará em primeiro lugar, as mudanças espaciais e seus usos, compreendendo as apropriações do modelo pedagógico utilizado pelo colégio, o Ensino Personalizado e Comunitário, de Pierre Faure. A segunda parte explora o sistema de fichas, que resulta em mudanças na organização temporal do colégio, do ensino e dos estudantes. Este sistema conduziu a mudanças na ordem das aulas e em suas durações; renovou suas formas de aquisições e avaliações dos conhecimentos e passou a organizar e reordenar ao dia-a-dia estudantil.

Palavras-chave: Ensino Personalizado e Comunitário. Pierre Faure. Colégio Santa Cruz. Classes Secundárias Experimentais. Renovação Educacional Católica.

INTRODUÇÃO

Então na sala, eu me lembro bem de história por exemplo, nós recebíamos umas fichas do que deveria ser estudado, durante, eu acho, que eram quinze dias. [...] E havia então por exemplo, vamos pegar lá os egípcios, então nós tínhamos que escrever um trabalho, uma monografia sobre os egípcios

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, stefanie.hsto@gmail.com

abordando então a geografia do Egito, depois o sistema político, religioso, a economia do Egito, e nas nossas salas, a sala tinha onde havia uma estante, nessa estante tinha uma porção de livros de história, de geografia, uma porção de coisa e ai a gente pesquisava. (NETO, 2016).

Esse trecho de relato é de um estudante da primeira classe experimental ginásial (atual 5ªsérie) de 1959 do Colégio Santa Cruz de São Paulo. Era uma aula de História, que buscava construir o conhecimento através estudantes pesquisadores, dispuseram-lhes livros, mapas, ilustrações e tempo. A pesquisa “Cultura Escolar nas classes secundárias experimentais nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo (décadas de 1950 e 1960)”, orientada pelo professor Dr. Norberto Dallabrida, é fomentada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o que nos permitiu acesso ao acervo documental do Colégio Santa Cruz, a Revista *Servir* na Pontifícia Universidade Católica – SP (PUC-SP) e a realização de duas entrevistas, do professor de latim da turma experimental (PRADO, 2016) e do estudante Henrique L. Neto (2016).

Essa busca documental nos ofertou vestígios para compreender um pouco do sabor do experimentalismo no Colégio Santa Cruz, o pioneiro dos 11 colégios privados católicos que tiveram classes experimentais no ano de 1959 no Brasil. Concomitantemente a outros oitos colégios público e leigo e outros seis privados e leigos, o total de 25 estabelecimentos dividiam-se em seis estados, foi São Paulo o estado que registrou o maior número, entre leigos e católicos, públicos e privados, era um total de nove instituições (CUNHA e ABREU, 1963).

Esta comunicação focaliza alguns aspectos da renovação do Colégio Santa Cruz de São Paulo, que deu início a primeira turma no ano de 1959 e concluiu o ciclo em 1962. O colégio participou das Semanas Pedagógicas do Rio de Janeiro (1955) e São Paulo (1956), espaços direcionados para a circulação de novos ensaios, práticas, modelos e indicações pedagógicas; ambas ministradas por Pierre Faure. Foi através da Portaria nº 1, do Ministério da Educação e Cultura (MEC), em 1959 (CLASSES..., 1958), que os colégios encontraram espaço para driblar o ensino tradicionalista, verbalista, conservador, centralizador e uniformizador vigente. Para a realização e organização do currículo escolar das classes secundárias experimentais do colégio, bem como para qualificar um coordenador conforme solicita o MEC, o professor Pe. Lafrance realiza um estágio em 1958 no centro pedagógico

dirigido por Pierre Faure onde pode assistir de perto a prática do discurso de ensino personalizado e comunitário. O professor de francês e padre Yvon Lafrance era, oficialmente, o coordenador responsável pelas classes secundárias experimentais no Colégio Santa Cruz e nas memórias também, como lembra Neto (2016),

eu me lembro bem que então, acho que ele [Prof. Pe. Yvon Lafrance] deve ter passado um bom tempo na França, imagino que ele que tenha trazido esse método [o Ensino Personalizado e Comunitário], pra aqui pra São Paulo. E era ele que coordenava a nossa classe, então ele era o responsável por ela.

Em 1963 foi o professor de francês e padre, Yvon Lafrance o autor do artigo “Uma experiência psico-pedagógica no Colégio Santa Cruz (1959-1962)” (LAFRANCE, 1963). Nesse relatório, o autor busca contextualizar o leitor sobre os motivos e intenções do Colégio ao aderir às classes secundárias experimentais; diz que o Colégio Santa Cruz buscou sempre manter-se longe “dum cristianismo edulcorado e medroso, retraído de si, fechado num mundo de utopias mascaradas com os mais altos valores do Evangelho”, declarando a necessidade de uma abertura para o dinamismo vital, pois que este leva o mundo “às grandes realizações da ciência e da cultura” (LAFRANCE, 1963, p. 7).

Justificadas por meio dos propósitos de renovação de ensino, de nova organização curricular, da experimentação de novos critérios de verificação de aprendizagem e de tornar o estudante agente do aprender e da escola, as classes experimentais possuíam estratégias próprias, características pré-definidas e estavam regidas por normas específicas, que foram lançadas na Portaria nº1 (CLASSES,... 1958). O colégio Santa Cruz contou com o apoio e instruções de Pierre Faure para organizarem sua classes experimentais seguindo as normas, tinham pela frente quatro anos de novidade, de pesquisa e experimentação. Inspirados pelo anseio da experimentação e fundamentados pelos anos de pesquisas, buscaram experimentar também, os outros usos que a instituição pode ter. Aquela que tem a participação da família, estudantes pesquisadores com acesso a laboratórios, a bibliotecas e as artes. Que, além das práticas pedagógicas a renovação deveria acontecer no interior do colégio, nos usos desse lugar.

USOS DO ESPAÇO: AS SALAS AMBIENTES

Atentemos a este subtítulo o trabalho de compreender uma particularidade das classes experimentais do colégio, um se seus novos usos, as salas ambientes. Compreendemos que as organizações de tempo e de espaço, do âmbito escolar em geral, são estratégias de controle; essas estratégias são encontradas na sala de aula, pela fixação de lugares e organização das carteiras em determinado molde, e/ou no pátio do colégio, pela presença de professores ou diretores a olharem os estudantes, e/ou pelo tempo, por meio da fixação de relógios, e pela determinação da quantidade de aulas e atividades a serem trabalhadas. Porém, compreende-se também que as estratégias e os controles são apropriados e direcionados em diferentes maneiras, tendo em vista as particularidades de cada instituição, seja pública ou privada, e o método de ensino utilizado nas classes.

Dessa forma, compreendendo o espaço como fatores educativo, tentemos visualizar o meio em que estão inseridas as estratégias dos novos usos das classes, que é o controle da Reforma Capanema, marcado pela organização do espaço de ensino limitado à sala de aula, que deveria ser regida por um professor e composta por estudantes passivos, que tinham por função anotar o conteúdo verbalizado, enquanto estavam organizados em fileiras. O tempo era controlado por meio da organização dos horários das aulas, delimitando um tempo e uma ordem específica, geralmente organizada pelo requisito de facilidade de organização do corpo docente, e não sob a ótica pedagógica. Visto que existem particulares nas formas de controle, nas classes experimentais, com o ensaio de novos métodos de ensino, buscou-se distância dessa organização espacial e temporal.

Assim sendo, ao dar início às classes experimentais apropriadas do Ensino Personalizado e Comunitário de Pierre Faure (1993), o espaço e o tempo escolar também são entendidos como agentes educadores; ganham, porém, novas leituras. Buscam ensaiar novas funcionalidades ao mesmo espaço, ressignificar o lugar. A educação recebe um novo eixo norteador, a vida-experiência e a aprendizagem, a escola, uma nova função, a de propiciar uma reconstrução permanente da experiência e da aprendizagem dentro de sua vida, de buscar a

centralidade da criança nas relações de aprendizagem, o respeito às normas higiênicas na disciplinarização do corpo do aluno e de seus gestos, a cientificidade da escolarização de saberes e fazeres sociais e a exaltação do

ato de observar, de intuir, na construção do conhecimento do aluno (VIDAL, 2003, p. 497).

Para analisar o lugar específico das classes secundárias experimentais no Colégio Santa Cruz, faz-se necessário compreender o espaço que o Colégio ocupa e representa. São Paulo, o “cartão postal” da industrialização brasileira” (BUENO, 2016), estava vivenciando um momento de expansão econômica, resultando na ascensão de novas elites. Essa promoção resultou no embate entre dois grupos, a elite “tradicional” e a elite “moderna”, que teriam como principal diferença os estilos de vida (ALMEIDA, 2002). O Colégio Santa Cruz encontrava-se ao lado da elite moderna, conseguiu atender suas demandas, orgulhava-se disso, fiam desta modernidade a principal bandeira da instituição. Logo, a escola é investida a uma dupla missão: a produção de trabalhadores, demandada pela expansão de produção, e a produção do lugar social do estudante e da família.

A construção histórica e imagética do Colégio moderno começa na organização espacial, quando se contrapõe aos colégios tradicionais, apresentando um lugar bem cuidado, preservando espaços verdes ao redor do terreno e da escola, com flores e árvores. Além disso, os prédios eram projetados com bases modernas e possuíam quadras poliesportivas. Levando em conta a configuração arquitetônica e espacial da escola, de pessoas e objetos, as classes experimentais do colégio foram estruturadas com características próprias. Localizava-se no pavilhão central do terreno, possuía quatro salas de tamanhos padrões correspondentes a 9x7 metros, possibilitando a organização de um estudante por dois metros quadrados. Contava com iluminação natural através de grandes janelas, distribuídas nos dois lados das salas; na parede principal, um quadro verde côncavo, evitando reflexos solares das janelas; em outra parede, outro quadro livre para a organização dos estudantes (LAFRANCE, 1963).

Figura 1- Sala de aula da Classe Secundária Experimental do Colégio Santa Cruz (1961)



Fonte: Arquivo pessoal do ex-aluno Henrique Lindberg Neto

Nos relatos do professor Pe. José, é possível notar a importância que as mesas individuais e os móveis tinham; estas se tratavam também de uma nova organização escolar, pois agora seria possível a reorganização dessas mesas. Assim o professor lembrou, “a estrutura da sala de aula eram mesinhas individuais leves que você transportava de um lugar para outro, fazia uma mesa maior, uma quadra de estudos”. (PRADO, 2016). Além da reorganização da sala de aula, o colégio também pode oferecer aos estudantes as salas ambientes, um total de três laboratórios ao decorrer dos quatro anos da experiência. Começamos pelo ambiente de artes plásticas e trabalhos manuais, uma sala de 9x7metros, com duas mesas grandes, armários individuais, estantes e ainda contava com uma porta, dando acesso direto ao jardim do colégio, onde estaria organizada outra mesa para utilização em dias de sol. Outro ambiente, era de ciências naturais, sendo separada nas áreas de biologia, física e química, os estudantes utilizaram desde o primeiro ano experimental esse laboratório. E o terceiro e último ambiente, era a sala de projeção e música, uma sala com projeção de dispositivos para serem utilizados nas matérias de história, geografia e para os cineclubes, as salas possuíam além dos dispositivos de proteção, um piano e uma vitrola. Esses espaços proporcionavam aos estudantes uma maneira lúdica de aprendizagem, como podemos perceber na Figura 2.

Figura 2: Sala Ambiente



Fonte: Arquivo pessoal do ex-aluno Henrique Lindberg Neto

Verificamos, na Figura 2, que a mesa em que os estudantes estão é um conjunto de três carteiras móveis. Ao fundo da sala, um armário com livros disponíveis e, na parede ao lado, observa-se um quadro verde, características comuns a um ensino ativo que propunha uma renovação pedagógica, tal como Pierre Faure orientava. Compreendendo que o ensino ativo, segundo o Ensino Personalizado e Comunitário, partia do pressuposto de que o estudante construía seu conhecimento por meio de atividades práticas, de conversas e de momentos de socialização, pode-se considerar, segundo a Figura 4, que essa foi uma das questões a serem apropriadas pelo Colégio. Os estudantes, trabalhando em dupla, em pé na sala, e manuseando um material diferente do seu caderno e caneta, demonstram o Ensino Personalizado e Comunitário. Essa prática de ensino igualmente pode ser verificada nas narrativas do professor Pe. José (2016) que lembrou que “faziam em equipe [os trabalhos], mas dentro do trabalho em equipe cada um tinha a sua tarefa particular, [...] o resultado era individual, quer dizer, não se despersonalizava”.

Se a escola é um lugar, e se um lugar é um espaço construído e educativo, podemos perceber, por intermédio das figuras apresentadas e da entrevista do professor Pe. José, que a educação pretendida nas classes secundárias experimentais no Colégio Santa Cruz era múltipla. A renovação buscou ultrapassar as barreiras físicas, seu mote era ter estudantes pesquisadores, ativos e interessados. Mas como solicitar tanto de um estudante que tem o compromisso com diferentes matérias? Que possui um tempo próprio e diferente dos demais? Que o processo de aprendizagem é diferente dos demais? Para tais perguntas, o colégio concomitantemente com Pierre Faure, puseram em prática o ensino, avaliação e acompanhamento através do sistema de fichas.

SISTEMA DE FICHAS: FICHAS DE OBSERVAÇÃO

Compreendendo o ensino secundário, especificamente das classes secundárias experimentais do Colégio Santa Cruz, inserido num determinado tempo e lugar específico, destaca-se que um espaço nunca é hegemônico em suas propostas, tampouco em suas composições, afinal a sala de aula é caracterizada pela pluralidade de tempos e lugares, possuindo contornos das práticas escolares com implicações sobre as relações da escola com a sociedade. Nesse sentido, a cultura escolar que se forma em determinado tempo e lugar é considerada produto de uma historicidade, de uma sociedade e dos sujeitos que compõem a escola, afinal “ao longo processo de escolarização é preciso considerar os deslocamentos dos lugares ocupados pelos sujeitos no interior das culturas escolares”. (FARIA FILHO, 2007, p. 198).

No colégio Santa Cruz, em específico, os caminhos teórico-metodológicos em que a experiência estava baseada foram explicitados por Yvon Lafrance, em um relatório acerca da experiência no Colégio publicado em 1963. Segundo o autor, os métodos e processos de ensino foram de inspiração fundamental nas indicações metodológicas de Faure, que indicava um ensino ativo e renovador sem esquecer as influências e importâncias religiosas. Ao prescrever o Ensino Personalizado e Comunitário, Pierre Faure demonstrou grande influência dos ideais da Escola Nova, visando à distância do despreparo dos estudantes com suas vidas sociais, ao ensino técnico das escolas, à sobrecarga de conteúdos, ao excesso de exames e notas, “dentre tantos traços deficientes, o mais grave para Faure é o fato da escola não promover o desenvolvimento integral da criança, não estimulá-la a pensar, criar ou optar”.

(KLEIN, 1998, p. 31). Dessa maneira, Faure propõe um conjunto de práticas escolares que supririam essas lacunas; para tanto, utilizou-se do Plano Dalton para a elaboração de um programa de estudos abrangendo a cultura objetiva e subjetiva das ideias de Maria Montessori, para a autodisciplina e momentos de silêncio para internalização e, de Robert Dottrens, professor no Instituto Jean Jaques Rousseau, de Genebra, que propôs o sistema de fichas.

Podemos perceber a influência de Dottrens (1974) no discurso de Faure, ambos vão de encontro ao pensar sobre a função da escola, que deveria ensinar o estudante a criar responsabilidade, necessitando de “métodos pedagógicos apropriados” (DOTTRENS, 1974, p. 32), de forma que a liberdade resultasse em responsabilidade, que, por sua vez, desenvolvesse a personalidade do educando. Educar, portanto, seria criar hábitos, respeitar ordens, adquirir sentido de dever e obrigações “morais”, intensificar a conduta do estudante e integrá-lo como ser social. “Ninguém procura o que não deseja, nem encontra o que não procura” (FAURE, 1993, p. 55), é assim que Faure (1993) dá início à discussão sobre a proposta de organização do ensino por meio das fichas. Essa estratégia pedagógica deveria dar sentido e lógica ao ensino, ensinar e aprender sem a previsão e organização pelas fichas seria “trabalhar sem objetivo, sem saberem quê, nem como, esperar que todas as indicações sejam fornecidas pelo professor, de pouco adianta”. (FAURE, 2003, p. 55). Dissertar sobre as diferentes fichas que o colégio utilizou-se nos faria estender demais este trabalho, atentemos no momento, as fichas de observação.

Diretores, professores e coordenadores buscaram visibilizar a necessidade de fichas para maior controle e maior eficácia na aplicação dos modelos pedagógicos que estavam sendo propostos nas classes experimentais, tanto no Colégio Santa Cruz, quanto em todas as instituições que estavam inseridas nesse momento de renovação pedagógica. As fichas de observação foram constituídas para avaliar o estudante de maneira geral e específica. O professor assumia o compromisso de realizar observações sobre os estudantes, apresentando individualmente seu comportamento, aproveitamento escolar, suas atitudes e relações sociais, assim como de avaliá-los.

Ao fim, as fichas de observação forneciam base para uma redação, que, no fim do ano escolar, deveria ser encaminhada para o Serviço de Orientação Educacional, formando um dossiê de cada estudante. A intenção da criação desse dossiê estava relacionada às



dificuldades específicas dos estudantes; dessa maneira, os educadores podiam perceber qual estudante tinha ou não dificuldade de aproveitamento escolar, ou até mesmo de comportamento geral. Assim como para disponibilizar a outras instituições (jornais, faculdades, ...) e para o poder público, uma relação organizada e controlada da experiência. Dessa forma, as Fichas de Observação eram utilizadas para controle interno e público. (PICARD, 1966).

Figura 3: Ficha de observação

COLÉGIO SAO PAULO - SÃO PAULO - SP - 1955

FICHA INDIVIDUAL DO ALUNO DE (1ª Série) ... Série
Turma

PORTUGUÊS

	Discip.	Inter.	Resulta.	TOTAL	MÉDIA
1ª SEMESTRE					
2ª SEMESTRE					

HISTÓRIA

	Trabalho	Apras.	Discip.	Inter.	Resulta.	TOTAL	MÉDIA
1ª SEMESTRE							
2ª SEMESTRE							

GEOGRAFIA

	Fosqui.	Apras.	Discip.	Inter.	Resulta.	TOTAL	MÉDIA
1ª SEMESTRE							
2ª SEMESTRE							

MATEMÁTICA

	Discip.	Inter.	Resulta.	TOTAL	MÉDIA
1ª SEMESTRE					
2ª SEMESTRE					

CIÊNCIAS

	Textos	Labora.	Discip.	Inter.	Resulta.	TOTAL	MÉDIA
1ª SEMESTRE							
2ª SEMESTRE							

INGLÊS OU FRANCÊS

	Leitura	Conver.	Discip.	Inter.	Resulta.	TOTAL	MÉDIA
1ª SEMESTRE							
2ª SEMESTRE							

DESENHO

	Participa	Exat.	Discip.	Inter.	Resulta.	TOTAL	MÉDIA
1ª SEMESTRE							
2ª SEMESTRE							

OBSERVAÇÃO:

VALORES: (0 = nulo ou deficiente) (1 = parcial ou regular) (2 = total ou muito bom).
Na coluna RESULTADOS: (0,0 a 3,5 = 0) (4,0 a 7,0 = 1) (7,5 a 10,0 = 2)

Fonte: Picard (1966, p. 85.)

Figura 4: Continuação

(Verso da ficha de Observação) -56-

NOME DO ALUNO: _____
 DATA DE NASCIMENTO: _____

RETRATO
(3x4)

FREQUÊNCIA

ASSOCIAÇÃO DAS FALCAS	PORTUGUÊS	HISTÓRIA	GEOGRAFIA	MATEMÁTICA	CIÊNCIAS	FRANCÊS	INGLÊS	DESENHO	TÓPICOS ESPECIAIS	EDUCAÇÃO FÍSICA
MARÇO										
ABRIL										
MAYO										
JUNHO										
AGOSTO										
SETEMBRO										
OUTUBRO										
NOVEMBRO										
TOTAIS										

TOTAL ANUAL DE AULAS DADAS TOTAL ANUAL DE FALCAS
 TOTAL ANUAL DE SESSÕES EM TOTAL ANUAL DE FALCAS
 EDUCAÇÃO FÍSICA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

DATA _____

 Secretário Diretor

Fonte: Picard (1966, p. 85.)

A ficha de observação possuía um total de cinco perguntas, sendo três gerais e duas específicas das matérias. Em todas as fichas, eram comuns os seguintes pontos: (a) Disciplina, que corresponde ao comportamento do estudante durante seu trabalho, a ordem, atenção, concentração e aplicação. (b) Interesse, este abrangia a simpatia natural e atração espontânea por disciplinas ou conteúdos, com o objetivo de o educador poder descobrir e sanar os empecilhos que acabam por cortar o desejo do estudante em sala. (c) Resultados, em que o professor deveria anexar cópias das notas/conceitos das atividades, de lições, deveres, trabalhos realizados durante o semestre e de verificação do estudante. Já as questões específicas, compreendiam avaliar o estudante nas particularidades das matérias, sendo estas: (a) português: leitura e expressão oral e a capacidade criadora; (b) história: trabalhos e apresentações; (c) geografia: pesquisa e apresentação de trabalho; (d) matemática: teoria, o raciocínio, exatidão e ordem; (e) ciências: textos e laboratório, prática renovadora das classes secundárias também; (f) línguas (francês e inglês): leitura e a conversação; (g) desenho: fantasia, originalidade e exatidão.

A avaliação das classes experimentais do Colégio Santa Cruz buscava outras formas de avaliar os estudantes além das notas tradicionais; para isso, os professores seguiam as indicações do Colégio para avaliar os estudantes. Deveriam preencher os campos de “a) disciplina”, “b) interesse”, e as questões específicas das matérias, computando a nota 0 (zero) para trabalho nulo ou deficiente; 1 (um) para rendimento parcial ou regular e 2 (dois) para rendimento total ou muito bom. Quanto a avaliação de “c) resultados” deveria ser feita uma média das notas das atividades realizadas durante o período. Dessa forma, a nota de resultados transformar-se-ia em pontos, sendo assim organizados: 0 (zero) ponto para notas entre 0,0 e 3,5; 1 (um) para médias entre 4,0 e 7,0; 2 (dois) pontos para notas entre 7,5 e 10,0 (PICARD [196_]). Segundo Picard ([196_], p. 81), as notas “colocadas nas cópias nada mais são do que simples pontos de referências”, os pontos passavam a serem elementos que o estudante deveria utilizar para se avaliar e perceber, autonomamente, no que necessitava de maior empenho ou no que estava conseguindo acompanhar de acordo com as Fichas de Trabalho.

Buscava-se fomentar cada vez mais uma cultura escolar que compreendesse o estudante como ser social, como um ser que constitui a sociedade, que é pensante, mas é agente. O ensaio do Ensino Personalizado e Comunitário de Pierre Faure (1993), nas classes secundárias experimentais do Colégio Santa Cruz em 1959 a 1962, foi apropriado que se adequasse ao colégio, mas também aos estudantes e a família, buscou-se a construção de uma nova função social da escola. A cultura escolar movimentou-se e produziu-se nas classes secundárias experimentais do Colégio Santa Cruz, o ensino era baseado em técnicas que procuravam adaptar o ensino ao tempo do estudante, proporcionando aproximação das dificuldades e percebendo os êxitos, ensinando o estudante a trilhar os caminhos da pesquisa e da descoberta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das fontes pesquisadas, documentos escritos e entrevista do professor Pe. José, este trabalho buscou fazer uma análise a propósito de algumas das renovações educacionais que o Colégio Santa Cruz construiu ao dar início às classes secundárias experimentais, baseadas no Ensino Personalizado e Comunitário de Pierre Faure. Nesse sentido, algumas considerações devem ser destacadas. Em primeiro lugar, por tratar-se de um colégio confessional católico de semi-internato, privado, em um bairro de classe média alta de

São Paulo, que investiu financeiramente num novo sistema de ensino por meio do Ensino Personalizado e Comunitário de Pierre Faure, percebeu-se que o perfil de estudantes que frequentava o Colégio era pertencente a uma elite paulistana, isto é, era um ensino voltado para atender às necessidades de uma classe economicamente privilegiada. Em segundo lugar, as classes secundárias experimentais, iniciadas em 1959, no Colégio Santa Cruz, representaram uma ruptura no campo educacional tradicional por trazer uma experiência baseada na educação voltada para um estudante autônomo, ativo e criativo, assim como para conteúdos com características mais práticas e menos teóricas e enciclopédicas.

Em terceiro lugar, salienta-se que os espaços ocupados pelas classes secundárias experimentais representaram do ponto de vista da cultura escolar, novos usos e finalidades da escola. Os espaços reorganizados nas classes experimentais representam uma ruptura com o as salas de aulas tradicionais, prezar-se-ia, nas classes experimentais do Colégio Santa Cruz, pela organização de um lugar limpo, arejado, iluminado, espaçoso e com novas mobílias, como as carteiras móveis e as bibliotecas de salas. Assim como a construção de salas laboratórios, que permitiram aos estudantes aulas práticas, fazendo experimentos e sendo mais partícipes da construção do conhecimento. Por fim, as fichas de observação representaram novas formas de avaliações, compreendendo que o objetivo da construção do ensino não seria alcançar determinada nota, mas sim orientar o sujeito ativo e social do estudante.

Este trabalho é apenas o início de um olhar sobre a discussão historiográfica das classes experimentais e muito há que se pesquisar. É primeiramente um indicativo para novas pesquisas, como um estudo sobre a experiência apropriada pelos estudantes, questionando de que forma o estudante compreendeu e sentiu a aplicação do Ensino Personalizado. Outras fontes podem ser utilizadas para oportunizar ouvir outras vozes, outras perspectivas e outros caminhos teóricos e metodológicos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Maria F. Um Colégio para a Elite Paulista. In: _____; NOGUEIRA, Maria Alice (Org.) **A escolarização das elites**. Um panorama Internacional da Pesquisa. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. p. 135-147.

Arquivo pessoal do ex-aluno Henrique Lindberg Neto.

BUENO, Maria de Fátima Guimarães. A história da educação: a cidade, a arquitetura escolar e o corpo. In: **Revista Cadernos do Ceom**, v. 29, n. 44. 2016.

CLASSES Experimentais no Ensino Secundário. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Rio de Janeiro, v. XXX, n. 72, p. 73-83, out.-dez. 1958.

CORBEIL, Lionel. **Memórias do Pe. Corbeil**. São Paulo, [19__?].

CUNHA, Nádia; ABREU, Jayme. Classes Secundárias Experimentais – Balanço de uma experiência. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. v. XL, n. 91, p. 90-151, jul.-set., 1963. Rio de Janeiro.

CUNHA, Nádia. As Classes Experimentais no Brasil. In: **Pesquisa e Planejamento**. Centro Regional de Pesquisas Educacionais “Prof. Queiroz Filho”, v. 7, jun. 1964.

DOTTRENS, Robert. **Educar e Instruir I**. São Paulo: Editora Estampa, 1974.

FAURE, Pierre. **Ensino Personalizado e Comunitário**. São Paulo: Loyola, 1993.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Escolarização e cultura escolar no Brasil: reflexões em torno de alguns pressupostos e desafios. In: BENCOSTA, Marcus Levy Albino (Org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007. p. 193-211.

KLEIN, Luiz Fernando. **Educação personalizada - Desafios e Perspectivas**. São Paulo: Loyola, 1998.

LAFRANCE, Yvon. **Uma experiência psico-pedagógica no Colégio Santa Cruz (1959-1962)**. 1963.

NETO, Henrique Lindberg. **Entrevista realizada por Norberto Dallabrida**. São Paulo, 13/10/2016. (Não paginado)

PICARD, George. Plano Acadêmico do Curso Ginásial. In: **Parecer nº107/66**. 1966.

PRADO, José Amaral de Almeida. **Entrevista realizada por Norberto Dallabrida**. São Paulo, 14/10/2016. (Não paginado).

SAVIANI, Demerval. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

VIDAL, Diana Gonçalves. Escola Nova e processo educativo. In: LOPES, Eliane Marta, FIGUEIREDO, Luciano e GREIVAS, Cynthia (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003

VIÑAO FRAGO. Antônio; ESCOLANO Augustín. **Currículo, Espaço e Subjetividade: a arquitetura como programa**. Rio de Janeiro: DP&A. 1998